

a mesma moeda de ouro em sua mão, pedindo-lhe que a guardasse para ele. Atônita, ela perguntou ao garoto como conseguira a moeda. Com toda a calma, o menino disse que ela lhe fora dada meses atrás, no seu aniversário. Foi completamente impossível descobrir como o menino veio a pensar na moeda na mesma tarde em que sua mãe falou sobre ela, no consultório do analista.”

“E o senhor pensa que estas são provas convincentes de telepatia ou clarividência?” perguntou Tabori.

“Oh, não”, respondeu Freud. “Admito que nenhum destes casos constitui prova. Mas você sabe que eu não acredito em acidentes. A transferência de pensamento, a possibilidade de sentir o passado ou o futuro não pode ser meramente acidental. Algumas pessoas dizem — ele sorriu — que na minha velhice eu me tornei crédulo. Não... eu não creio. Apenas durante toda a minha vida eu aprendi a aceitar fatos novos humildemente, prontamente.” Três anos antes de sua morte, aos oitenta e um anos de idade, Freud havia percorrido um longo caminho desde a sua violenta divergência com Jung — seu “príncipe herdeiro” favorito — sobre a questão do oculto.

14

JUNG: RUMO A UMA QUARTA DIMENSÃO

“Os anos em que estive perseguindo minhas imagens interiores foram os mais importantes de minha vida — neles, tudo o que é essencial foi decidido. Tudo começou nessa ocasião; os detalhes posteriores são apenas suplementos e esclarecimentos do material que jorrou do inconsciente e, a princípio, submergiu-me. Foi a *matéria-prima* para o trabalho de toda uma vida.”

Quais foram esses anos cruciais, que modelaram a mente do fundador da psicologia analítica, o período durante o qual C. G. Jung (1875-1961), de acordo com sua obra autobiográfica, *Memoirs, Dreams, Reflections* [Memórias, Sonhos, Reflexões] (Nova Iorque, 1963), perseguiu suas “imagens interiores”? Eles foram os anos que se desenrolaram desde o seu dramático rompimento com Sigmund Freud até a época da I Guerra Mundial. Foram anos de tortura, de confusão e de

interrogação, de fantasmagoria, de quase desespero, de iluminação, de dúvidas sobre si mesmo, de penetração, de perigo espiritual e de aventura; foi um período durante o qual Jung enfrentou o inconsciente do mesmo modo como Jacó lutou com o Anjo, para ser iluminado ou para sucumbir. Como ele mesmo disse: “Precisei de quase quarenta e cinco anos para destilar, dentro do vaso do meu trabalho científico, as coisas que experimentei e registrei, por escrito, naquela época. Quando jovem, meu alvo havia sido o de realizar algo na minha ciência. Mas, então, colidi com esta corrente de lava e o calor do seu fogo deu outra forma a minha vida. Aquela foi a matéria fundamental sobre a qual eu me senti obrigado a trabalhar e minhas obras são uma tentativa, mais ou menos bem-sucedida, para incorporar esta matéria incandescente no panorama contemporâneo do mundo.”

C. G. Jung nasceu no dia 26 de julho de 1875, em Kesswil, na Suíça. Seu pai era um pastor e, entre outras façanhas, um estudante da literatura árabe. O interesse de Jung pelo oculto foi uma herança de família. De acordo com Aniela Jaffé, sua assistente por longo tempo, a avó de Jung, Augusta Preiswerk, “via fantasmas”; a família dela atribuía suas tendências mediúnicas ao fato de ter estado, quando menina, aparentemente morta durante trinta e seis horas. Sua filha Emilie, a mãe de Jung, registrou aparições e premonições em seu diário. Ela escreveu que, quando criança, havia “protegido” seu pai, Samuel Preiswerk, dos “fantasmas”, sentando-se atrás dele quando ele escrevia seus sermões para a Congregação Reformada de Basel.

O interesse de Jung, pelo oculto, começou com um estudo da literatura do século XIX. Em 1897, enquanto era ainda um estudante, topou com uma estória curta de espiritualismo, na biblioteca do pai de um colega de escola. Ele escreveu, em suas *Memórias*:

“Minhas dúvidas iniciais dissiparam-se rapidamente, pois eu não pude deixar de perceber que os fenômenos descritos no livro eram, em princípio, quase os mesmos como nas estórias que eu ouvira muitas e muitas vezes, no campo, desde os meus primeiros anos de vida. Sem dúvida nenhuma, o material era autêntico. Mas a grande questão de saber se essas estórias eram materialmente verdadeiras, ou não, não foi respondida de modo satisfatório. Não obstante, era possível provar que as mesmas estórias haviam sido narradas sempre e sempre, em